

# CONSTITUINTES ADVERBIAIS NO INÍCIO DE ORAÇÃO

Erotilde Goreti PEZATTI<sup>1</sup>

Graciele Rodrigues CUCOLO<sup>2</sup>

▣ **RESUMO:** Este estudo propõe investigar, em sentenças do português brasileiro falado, os satélites de predicado ( $\sigma_1$ ) e de predicação ( $\sigma_2$ ) que se alocam no início de orações, sob a perspectiva da Gramática Funcional. Os resultados confirmam a hipótese de que constituintes satélites posicionados à esquerda da oração desempenham funções pragmáticas intra-oracionais de Tópico, Foco ou de Preparador de Cenário.

▣ **PALAVRAS-CHAVE:** Funcionalismo; ordem de palavras; adjunto adverbial; função pragmática.

## Apresentação

Pelo estreito vínculo entre linguagem e processos interativos, muitas das propriedades da linguagem são co-determinadas pela informação contextual e situacional disponível aos interlocutores. Isso significa que o componente gramatical da linguagem pode manifestar diferenças significativas, correspondentes a diferentes atribuições de funções pragmáticas aos constituintes.

---

<sup>1</sup> Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas-UNESP, 15054-000, São José do Rio Preto-SP, Brasil. E-mail: pezatti@ell.ibilce.unesp.br.

<sup>2</sup> Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas-UNESP, 15054-000 – São José do Rio Preto-SP, Brasil. E-mail: grucolo@uol.com.br.

Por "funções pragmáticas" entende-se o estatuto informacional de um constituinte dentro do quadro comunicativo mais amplo em que ocorre. As funções pragmáticas, especialmente as intra-oracionais Tópico, Foco e Preparador de Cenário, relacionam-se estreitamente com a ordem linear de colocação de constituintes na oração. Muitas vezes, a atribuição de funções pragmáticas a um constituinte obriga a sua colocação numa posição que conflita com a ordem natural, tal como defendida pela Perspectiva Funcional da Sentença (FIRBAS, 1974), ou seja, a de que os constituintes são, comumente, organizados em uma ordenação linear que corresponde à qualidade de informação apresentada por esses constituintes. Essa tendência é também conhecida como o Princípio do Fluxo de Informação, proposto por Kuno (1978, p.54)<sup>3</sup>:

Princípio do Fluxo de Informação: em princípio, as palavras são organizadas, em uma sentença, de tal modo que essas que representam a informação velha, previsível, vêm primeiro, e aquelas que representam a informação nova, imprevisível vêm por último. (tradução nossa).

Esse princípio, no entanto, explica somente sentenças que não fujam à ordem não-marcada<sup>4</sup>. Construções como a ilustrada abaixo não podem ser explicadas por esse princípio.

- (1) **estes últimos tempos** eu tenho ido nesses programas de televisão (DID-SP-234:202)
- (2) L1 eu como fígado...como rim...como a tripa...que a gente cha/ normalmente chama **aqui em casa** a gente chama de tripa...né? (DID-RJ-328:464)
- (3) L1 é o propalado milagre japonês eu não vou me reter no começo ao pós-guerra, eu vou partir...do início...da formação industrial do Japão, né? no **início do século** (ruído), a África e a América Latina eram quase que ilustres desconhecidas (EF-RJ-379:35)

Nessa sentença, observa-se a colocação dos constituintes adverbiais *estes últimos tempos*, *aqui em casa* e *no início do século* em posição mais à esquerda da oração. Estruturas como essas não são simples alternativas de uma ordem

---

<sup>3</sup> "Information Flow Principle: in principle, words in a sentence are arranged in such a way that those that represent old, predictable information come first, and those that represent new, unpredictable information last."

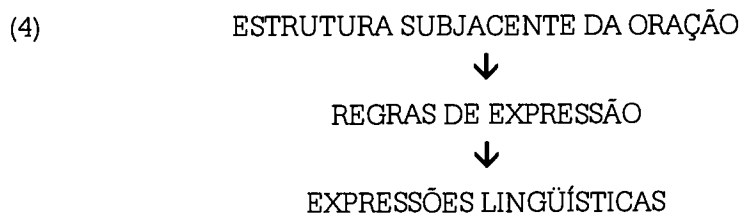
<sup>4</sup> O conceito de marcação foi, inicialmente, introduzido por Jakobson (1936) e por Trubetzkoy (1939) para indicar certas relações dentro de oposições fonológicas e morfológicas. Mais recentemente, passou a ser usado para indicar tipos de construções. Na Gramática Funcional, uma construção é marcada quando é menos esperada e, logo, obtém mais atenção quando ocorre (DIK, 1989, p.38).

P1 (S) V (O) X<sup>5</sup>; ao contrário, representam uma escolha do falante codificada por meio da ordenação desses constituintes.

Desse modo, pretende-se aqui investigar os constituintes alocados no início de orações como os destacados em (1-3), tendo como hipótese a de que constituintes satélites posicionados à esquerda da oração desempenham funções pragmáticas intra-oracionais como a de Tópico, Foco ou Preparador de Cenário, conforme definidos na Gramática Funcional (doravante GF) proposta por Dik (1989, 1997), Dik et al. (1990) e seus seguidores.

## Embasamento teórico

No quadro da GF, a oração deve ser descrita em termos de uma *estrutura subjacente abstrata*, que é mapeada na forma real da expressão linguística correspondente por um sistema de *regras de expressão*, que determinam a forma, a ordem e o padrão de entonação dos constituintes da estrutura da oração subjacente, dado seu estatuto dentro dessa estrutura subjacente:



A estrutura subjacente da oração é uma estrutura abstrata complexa em que diversos níveis ou "camadas" de organização semântica e formal têm de ser distinguidas. Como uma primeira aproximação a essa estrutura, podemos representá-la como segue:

(5)	ORAÇÃO	→	ato de fala
	PROPOSIÇÃO	→	fato possível
	PREDICAÇÃO	→	estado de coisas
	PREDICADO	→	propriedade/relação
	TERMOS	→	entidade/entidades

<sup>5</sup> X corresponde a um elemento opcional; os parênteses indicam possibilidade de ocorrência; S equivale a sujeito; V, a verbo; O, a objeto e P1, a posição especial destinada a constituintes que desempenham alguma função pragmática interna à predicação.

A construção de uma estrutura subjacente requer primeiramente um *predicado* que deve ser aplicado a um número apropriado de *termos*. **Termos** referem-se a indivíduos (entidades) do mundo. **Predicados** designam propriedades de tais entidades ou relações entre elas. Assim em (6),

(6) ler (Pedro) (o livro)

o predicado (*ler*) designa uma relação de dois lugares entre duas entidades nos papéis de "leitor" e "alguma coisa lida", sendo assim necessariamente aplicados dois termos (*Pedro* e *livro*). Quando a um predicado é aplicado a um conjunto apropriado de termos, o resultado é uma *predicação nuclear*.

A **predicação nuclear** como um todo designa um conjunto de *Estado de Coisas* (EsCo). O termo *estado de coisas* é usado no sentido amplo de "concepção de alguma coisa que pode ocorrer em algum mundo", é localizado no tempo e no espaço; pode ter uma certa duração; pode ser visto, ouvido ou percebido de alguma forma.

A predicação nuclear pode ser especificada por operadores (por ex. distinções aspectuais) e satélites (termos com a função de Modo, Velocidade e Instrumento), ambos de nível 1. O resultado dessa extensão é denominada **predicação central**, como em (7) em que se aplicam o operador perfectivo e o satélite de Modo:

(7) Imp ler<sub>v</sub> (Pedro)<sub>Ag</sub> (o livro)<sub>Me</sub> (atentamente)<sub>Modo</sub>  
 [Pedro está lendo o livro atentamente]

Predicação central pode ser especificada por operadores de predicação (por ex. distinções temporais e algumas distinções modais) e satélites (termos com a função de tempo e lugar), ambos operando no nível 2. O resultado dessa extensão é denominada **predicação estendida**, cf. (8), em que se aplicam o operador de Tempo com valor de Presente e o satélite de Locação.

(8) Pres Imp ler<sub>v</sub> (Pedro)<sub>Ag</sub> (o livro)<sub>Me</sub> (atentamente)<sub>Modo</sub> (na sala)<sub>Loc</sub>  
 [Pedro está lendo o livro atentamente na sala]

Predicação estendida pode ser usada para construir uma estrutura proposicional que especifica um fato possível. A predicação estendida pode ser especificada por operadores (por ex. algumas distinções modais) e satélites (termos que determinam a atitude do Falante) de proposição, que operam no nível 3. O resultado dessa extensão é uma **proposição estendida**, por exemplo:

(9) Modo Subj Pres Imp ler<sub>v</sub> (Pedro)<sub>Ag</sub> (o livro)<sub>Me</sub> (atentamente)<sub>Modo</sub> (na sala)<sub>Loc</sub>  
(felizmente)<sub>Attitude</sub>

[Felizmente, Pedro está atentamente lendo o livro na sala]

Proposições estendidas podem ser usadas para construir uma estrutura de ato de fala. Proposições estendidas podem ser especificadas por operadores (por ex. Declarativa, Imperativa e Interrogativa) e satélites (termos que especificam o ato de fala) ilocucionários, que operam no nível 4, por exemplo:

(10) Decl Modo Subj Pres Imp ler<sub>v</sub> (Pedro)<sub>Ag</sub> (o livro)<sub>Me</sub> (atentamente)<sub>Modo</sub> (na sala)<sub>Loc</sub>  
(felizmente)<sub>Attitude</sub>

[Felizmente, Pedro está atentamente lendo o livro na sala.]

Os termos que são requeridos pela semântica do predicado, como (Pedro) e (livro), são denominados *argumentos* do predicado; são, portanto, essenciais para a integridade dos EsCo designado pelo esquema de predicado. Se retirados, a propriedade/relação designada pelo predicado não é preenchida ou satisfeita. Os termos que fornecem outras informações, tais como *atentamente* e *na sala*, ao EsCo *Pedro lê o livro*, são chamados *satélites*. Satélites são meios lexicais opcionais que veiculam informação adicional a uma das camadas no modelo hierárquico da oração. *Opcionais* porque podem ser retirados sem afetar a gramaticalidade da sentença. *Lexicais* porque se opõem a categorias *gramaticais* tais como tempo, modo e aspecto. São *portadores de informação adicional* porque a informação principal pertencente a uma camada particular está contida na estrutura à qual o satélite é acrescentado. Há assim quatro tipos de satélites que se aplicam a cada uma das camadas da estrutura subjacente de oração: os de predicado ( $\sigma_1$ ), os de predicação ( $\sigma_2$ ), os de proposição ( $\sigma_3$ ) e os de ato de fala ( $\sigma_4$ ). Neste estudo trataremos apenas dos  $\sigma_1$  e  $\sigma_2$ .

## Os satélites de predicado ( $\sigma_1$ ) e de predicação ( $\sigma_2$ )

Satélites de predicado, também denominados de nível 1 ( $\sigma_1$ ), representam os meios lexicais que especificam propriedades adicionais do conjunto de EsCo designado por uma “predicação nuclear”. Constituem os participantes adicionais, meios e maneiras de ocorrência de um EsCo e orientação espacial.

(i) Participantes adicionais referem-se a:

*Beneficiário:* é a pessoa ou instituição em benefício da qual ou contra o interesse da qual o EsCo é efetuado:

- (11) ...nós íamos encontrar marcas aqui de que flechas reais foram atiradas...**contra a imagem**... então esta seria uma das razões...a segunda razão seria o fato de que... (EF-SP-405:239)

*Companhia:* especifica uma entidade junto com a qual o EsCo é efetuado:

- (12) ...eu tenho ido toda terças-feiras no programa que aparece no sábado...então é um grupo que estão fazendo uma promoção do Laranjal então eu vou **com eles** é inCRível o que acontece lá... (DID-SP-234:190)

*Instrumento:* especifica a ferramenta com a qual alguma Ação<sup>6</sup> é executada ou uma Posição é mantida. Assim, esse satélite requer um EsCo [+controlado] na predicação nuclear.

- (13) ...não tem outra coisa aqui...quando era no o meu TEMpo agente :: andava **de bicicleta**., era o :: esporte predileto nosso era andar de bicicleta..., mas a gente podia andar na :: na Avenida Farrapos... (DID-POA-45:289)

*Causa interna:* especifica a entidade apresentada como causadora de um Processo, EsCo dinâmico e não controlado:

- (14) a outra citação é a su a citação de Duckheim...essa talvez até vocês conheçam...**através de Ester**...é uma citação...para levantar assim num é? o humor de vocês...quanto ao direi:to...é a citação que mostra...a importân:cia...do fenômeno...do direi:to...do fato jurí:dico...vou ler para vocês tam:bém na página dezessete... (EF-POA-337:402)

(ii) Meios e Maneiras constituem:

*Modo:* indica a maneira pela qual uma Ação é executada, uma Posição é mantida, ou pela qual um Processo ocorre:

- (15) Eu acho que todo estudante se comunica **muito bem** com o doente (DID-SSA-231:697)

---

<sup>6</sup> Os parâmetros mais importantes para uma tipologia de EsCo, na GF, são Dinamismo e Controle. Dinamismo envolve necessariamente algum tipo de mudança, algum tipo de alteração, já Controle refere-se ao poder do primeiro argumento de determinar a realização ou não do EsCo. Assim Ação constitui o EsCo dinâmico e controlado; Processo é o EsCo dinâmico e não controlado; Posição refere-se ao EsCo dinâmico mas não controlado e Estado indica um EsCo não dinâmico e não controlado.

*Velocidade*: indica o montante de Ação ou Processo que corre por unidade de tempo, exige, portanto, um EsCo [+din]:

- (16) ...eu achei aquilo me chocou...sei lá eu achei...por detrás dos bastidores uma coisa medonha uma baGUNça treMENda...aquelas cenas que eles mudam **rapidamente** quer dizer é um assunto de a gente trabalhar né?...e atrapalhar também... (DID-SP-234:285)

*Qualidade*: designa o papel/função/autoridade em virtude da qual uma Ação é executada, ou uma Posição mantida; requer, portanto, um EsCo [+con]:

- (17) Doc. olhe o senhor poderia falar já que trabalha no Sindicato dos...Comerciários na: **qualidade de: dentista**...o senhor poderia falar quais os serviços que o Sindicato presta...aos seus:...

L1 segurados (DID-RE-131:1-2)

(iii) Orientação Espacial refere-se a:

*Origem*: designa o ponto inicial de um movimento.

- (18) ...o que acontece é o seguinte hoje em dia...prá você ir por...nós vamos por exemplo todo doa a Camaçari...já é hoje em dia uma viagem...é assunto mesmo de ::... de ::...praticamente a gente não sair da cidade mas...viaja que não é brinquedo hoje mesmo eu fiz uma viagem **daqui** prá Camaçari...que parecia que eu tinha ido quase a ::...Feira de Santana...devido ao/ à incidência de tráfego que existe...devido exatamente ha: às interrupções que existem na cidade...de buracos escavações...de ::...enfim de interrupÇÕES de toda ordem... (D2-SSA-98:4)

*Direção*: designa o ponto terminal de um movimento.

- (19) ...o que acontece é o seguinte hoje em dia...prá você ir por...nós vamos por exemplo todo doa a Camaçari...já é hoje em dia uma viagem...é assunto mesmo de ::...de ::...praticamente a gente não sair da cidade mas...viaja que não é brinquedo hoje mesmo eu fiz uma viagem **daqui prá Camaçari**...que parecia que eu tinha ido quase a ::...Feira de Santana...devido ao/ à incidência de tráfego que existe...devido exatamente ha: às interrupções que existem na cidade...de buracos escavações...de ::...enfim de interrupÇÕES de toda ordem... (D2-SSA-98:4)

*Percurso*: designa a orientação de um movimento.

- (20) Doc qual é o pior...horário...dessa saída da cidade...de manhã?  
L1 bom...o pior horário...de saída...da cidade de manhã...  
L2 fica mais ou menos entre SEis e oito horas né?  
L1 não de seis ainda sai bem...mas entre sete...até umas:oito e meia...é a pior...hora de saída...primeiro porque você pega o congestionamento na área urbana ainda...desde a Barra Centenário essa área de colégios etc...e daí prá frente você vai pegando...a...a Barros Reis um pedaço da Barros Reis hoje Heitor Dias né?... (D2-SSA-98:12)

Satélites de predicação, também denominados de nível 2 ( $\sigma_2$ ), representam os meios lexicais que localizam o EsCo designado por uma predicação nuclear em um mundo real ou imaginário e assim restringe o conjunto de referentes potenciais da predicação à(s) situação(ões) externa(s) que o falante tem em mente. Designam os cenários espacial, temporal, cognitivo e o cenário relativo a outro estado de coisas.

(i) Cenário Espacial refere-se a:

*Locação*: designa o lugar onde um certo EsCo ocorre.

- (21) Inf. gostei muito de *Hair*...Ai achei fabuloso...cenário de *Hair* uma m :: MARavilha faz tempo que eu assisti logo que começou eu fui...achei um cenário uma coisa ah Ótima de :: antes de *Hair* eu assisti um outro uma outra peça na Aliança Francesa...bom também não recordo o nome mas foi uma peça muito comentada...eu acho que foi até nós lá no Rio na Praia Vermelha tem um restaurante com o nome...também não lembro o nome (DID-SP-234:63)

(ii) Cenário Temporal implica:

*Tempo*: especifica o tempo em que (do qual, até o qual) um certo EsCo ocorre.

- (22) Inf meu marido ele ele é :: vice-presidente lá da AAAMPA não sei se vocês conhecem...Associação dos Antigos MA/Ma/Alunos Maristas de Porto ALegre lá :: lá em Ipanema em em frente aquele cine-parque...eh...e :: sabem está SEMpre sonhando naquilo lá até domingo passado mesmo nós fizemos um :: um chá em benefício que eles têm uma escolinha...Escolinha Irmão Weber... (DID-POA-45:06)



*Duração*: especifica o tempo de duração em que um certo EsCo [-tético] acontece.

(23) L2 então eu os levo para a escola...e vou trabalhar...depois saio na hora de buscá-los...aí depois tem nataçãõ segunda quarta e sexta...os dois...**das duas às três**... (D2-SP-360:99)

*Freqüência*: especifica o número de vezes em que um certo EsCo ocorre:

(24) então eu os levo para a escola...e vou trabalhar...depois saio na hora de buscá- los...aí depois tem nataçãõ **segunda quarta e sexta**...os dois...das duas às três... .. (D2-SP-360:99)

(iii) Cenário relativo a outro EsCo:

*Circunstância*: especifica um EsCo que ocorre simultaneamente com o EsCo referido na predicação principal.

(25) Inf. ...e ah :...a gente se encontra sempre todos os MEses **nesse janTAR**...com os amigos...quer dizer que POUco fora disso a gente não se encontra.. (DID-POA-45:162)

*Causa externa*: especifica um EsCo cuja ocorrência instiga a ocorrência do EsCo referido na predicação principal.

(26) Inf. numa certa medida ele provocou **pelo alCANce que tem** uma revolução até maior do que a televisão...o que significou a QUEbra do isolamento entende? de certas pessoas... (D2-SP-255:116)

*Condição*: especifica um EsCo do qual depende a ocorrência de outro EsCo.

(27) Ele pegará a capa **em caso de chuva**.

(iv) Cenário Cognitivo refere-se a:

*Propósito*: fornece uma motivação para a ocorrência de um EsCo<sup>1</sup> [+con] ao especificar um futuro EsCo<sup>2</sup> que o controlador deseja realizar por meio do EsCo<sup>1</sup>.

(28) Pedro correu para a estação **para pegar o trem**.

*Razão*: fornece a causa da realização de um EsCo [+ con] em termos de um motivo atribuído ao controlador.

(29) L1 é e :: mas...depois **diante das dificuldades de conseguir quem me ajudasse**...nó :: s paramos no sexto filho... (D2-SP-360:33)

Tanto os satélites de nível 1 quanto os de nível 2 são denominados representacionais uma vez que pertencem à predicação estendida e constituem uma unidade de informação com a predicação nuclear, estando sob o escopo de operadores de nível 1. Além disso a esses satélites podem ser atribuídas as funções pragmáticas intra-oracionais Foco e Tópico.

Foram investigados os satélites de nível 1 e 2 ( $\sigma_1$  e  $\sigma_2$ ) no cópuz mínimo do Projeto de Gramática do Português Falado, tabulando-se todas as ocorrências de orações que continham esses satélites em posição inicial da oração. Os resultados mostram um total de 253 ocorrências desses satélites no início da oração, sendo 23 (9%) de  $\sigma_1$  e 230 (91%) de  $\sigma_2$ . Desse modo,  $\sigma_1$  raramente se posiciona em início de oração, o que não ocorre com  $\sigma_2$ , que parece ter preferência por essa posição.

## Os satélites de nível 1 em posição inicial

Segundo Dik (1989),  $\sigma_1$  fornecem características adicionais ao EsCo, especificando-o, definindo-o. Por apresentar essa propriedade definidora de EsCo, esses satélites não podem ocorrer livremente em posição inicial uma vez que, de algum modo, já estão implícitos na predicação nuclear.

Tal afirmação tem sido confirmada por estudos recentes sobre o português falado (cf. CUCOLO, 2002; GARCIA, 2003). Garcia (2003), por exemplo, demonstra que a posição preferida desse satélite é a imediatamente posterior ao verbo (61%). Isso é plenamente justificável pela própria natureza desse constituinte, já que se esse tipo de satélite modifica o próprio predicado, nada mais natural que se posicione em torno dele. Assim, tanto em (30), com verbo de valência dois, quanto em (31), com verbo de valência um,  $\sigma_1$ , respectivamente *Companhia* (*com um tio meu*) e *Instrumento* (*de bicicleta*), posiciona-se imediatamente depois do verbo.

(30) Inf. e o ::...foi fomos **com um tio meu** que o pessoal já tinha ido na frente (DID-POA-45:407)

(31) Inf. quando era no o meu TEMpo a gente :: andava de bicicleta (DID-POA-45:289)

Os resultados obtidos por Garcia (2003) indicam ainda que 26% dos casos ocorrem no final da oração e 7%, imediatamente antes do verbo principal, como demonstram o Beneficiário *em benefício dos seus associados* em (32) e o Modo *bem* em (33).

(32) Inf ...para isso naturalmente que ele (o tesoureiro) recorre...aos contadores (...) para ver realmente se o sindicato tem condições de fazer determinadas...obras **em benefício dos seus associados...** (DID-RE-131:129)

(33) Inf ...e tirando a parte do artista a senhora acha que devem haver outros cuidados para a peça a peça ser bem :: **bem** apresentada obter bom sucesso? (DID-SP-234:173)

Os resultados obtidos tanto por Garcia (2003) quanto por Cucolo (2002) mostram que esse constituinte só vai para a posição inicial da oração se houver uma forte razão para isso, como por exemplo, a atribuição de uma função pragmática.

Função Pragmática, para a GF, concerne ao estatuto informacional dos constituintes da oração em relação ao contexto comunicacional mais amplo em que é empregada. Por contexto comunicacional deve-se entender a avaliação do Emissor a respeito da informação pragmática do Destinatário no momento da interação verbal. Sendo assim há duas funções pragmáticas intra-oracionais: *Foco e Tópico*.

A análise dos dados revela, no entanto, que ao  $\sigma_1$  em posição inicial nunca é atribuída a função de Tópico; em outras palavras, nossos dados mostram que  $\sigma_1$  em posição inicial sempre desempenha a função de Foco.

A função Foco de uma expressão lingüística, segundo a GF, é a informação relativamente mais importante ou saliente num dado contexto de interação verbal, e avaliada pelo Emissor como essencial para ser integrada à informação pragmática do Destinatário. A informação focal se refere então às mudanças que o falante deseja provocar na informação pragmática do destinatário. Essas mudanças podem assumir diferentes formas: o falante pode adicionar partes de informação na informação pragmática do destinatário ou pode substituir alguma parte de informação que ele acredita que o destinatário tenha por outra que ele próprio possui. Em qualquer caso deve haver alguma diferença entre a

informação pragmática do falante e o quadro que ele faz da informação pragmática do destinatário.

Desse modo, a informação focal é apresentada como "nova" para o destinatário. Há casos, no entanto, em que a informação focalizada nem sempre é totalmente nova, mas é colocada em foco em virtude de algum contraste implícito ou explícito com alguma parte da informação.

Para expressar as formas de se chamar a atenção para uma parte determinada da informação que o emissor deseja passar para o destinatário, as línguas dispõem de mecanismos lingüísticos específicos: 1. proeminência prosódica; 2. partículas especiais; 3. clivagem e pseudo-clivagem; 4. interrogação e 5. posição especial.

Considerando-se as razões pragmáticas que fundamentam a escolha do Foco de uma expressão lingüística, podem-se distinguir dois tipos de Foco: Novo (ou Completivo), que não envolve nenhum contraste; e Contrastivo, que implica contraste entre o constituinte Foco e partes alternativas de informação, que, por sua vez, podem ser apresentadas de forma explícita ou pressuposta.

(34) apresenta um  $\sigma_1$  Companhia a que foi atribuída a função Foco para estabelecer um contraste com uma parte de informação implícita. Nesse caso, é perfeitamente possível inferir-se que o pai não mais permitiu que a informante tivesse aulas de natação com aquele professor, podendo, no entanto, ser possível com outro instrutor. Nesse caso ocorre um Foco Contrastivo Restritivo, já que a falante corrige a informa o pragmática do documentador ao restringir um conjunto de itens pressupostos àquele que considera ter os valores para a posi o envolvida.

(34) Inf. ...meu pai resolveu botar um professor...primeira vez foi Ele que quis me ensinar a nadar me lembro que me amarrou uma corda me deixou FROUxa e quase...quase me afogou digo "aí também não quis mais...ai com ele meu pai não quis mais... (DID-POA-45:364).

Os resultados da análise dos dados revelam ainda que dentre os satélites de predicado, Instrumento   o que predomina em posi o inicial, perfazendo 43,4% dos casos encontrados (10/23). Instrumento requer um EsCo [+ controlado] na predic o nuclear, conforme se observa em (35). Nesse caso, o EsCo   uma A o, pois se caracteriza como dinâmico e controlado, isto  , exige que o primeiro argumento seja um Agente, que nesse caso   nós.

(35) Inf. ...o teste tuberculínico também serve para eh: esclarecer como vocês viram o: exame radiológico então através do teste tuberculínico nós eh ::

identificamos se aquela lesão que apareceu na radiografia é realmente de tuberculose ou não...a localização da tuberculose... (EF-SSA-46:164)

Os satélites de Modo em posição inicial têm uma frequência de 21,7% (5/23), conforme exemplifica (36). Beneficiário e Companhia, por sua vez, ocorrem nessa posição com frequência de 17,4% (4/23), como mostram respectivamente (37) e (34) acima.

(36) Doc. ...quais são os tipos de carne assim que você come...como...**de que modo**...essa carne é preparada? (DID-RJ-328:403)

Nessa ocorrência, o satélite de Modo tem a função de Foco Novo (ou Completivo), uma vez que não envolve nenhum contraste e apresenta uma informação solicitada no par pergunta-resposta. Cabe lembrar que todo elemento interrogado constitui um Foco Novo, já que ele apresenta a lacuna existente entre a informação pragmática dos dois interlocutores, tornando-se, portanto, a informação mais importante nesse momento de interação verbal.

(37) Doc. agora ...você que come bem carne...está habituada...quais são os tipos de carne assim que você come...como...de que modo...essa carne é preparada  
Loc. **aqui em casa** geralmente a titia compra muito é alcatra...chá-de-dentro...quando ela quer fazer assim carne picada...né...aqui em casa a gente usa muita carne. (DID-RJ-328:405)

O satélite destacado em (37) foi aqui analisado como um Beneficiário, já que a expressão *aqui em casa* não remete ao lugar em que se compra a carne, mas sim à instituição em cujo benefício o EsCo *compra muito é alcatra* é efetuado. Dessa maneira, embora a forma, num primeiro momento, leve a considerar que *aqui em casa* seja um satélite de lugar, uma leitura um pouco mais atenta demonstra que tal expressão é um satélite que adiciona um participante Beneficiário ao EsCo, em vez de localizá-lo espacialmente.

## Os satélites de nível 2 em posição inicial

Os satélites de nível 2, como já mencionado, designam os cenários espacial, temporal, cognitivo e o cenário relativo a outro EsCo. Essa propriedade permite a esses constituintes maior liberdade de colocação na oração, conforme observa Câmara (2003). Em seu estudo, a autora detectou 31% de ocorrência de  $\sigma_2$  em

posição final, 29% na posição imediatamente antes do verbo e 21% na posição inicial, conforme demonstram respectivamente (38-40).

(38) L1 com as crianças...então...esperamos que não :: haja maiores problemas

L2 ahn ahn

L1 com o **avançar dos anos**...enfim...o futuro (D2-SP-360:58)

(39) L2 a sua família é grande?

L1 nós somos :: seis filhos

L2 e a do marido?

L1 e a do marido...eram doze **agora** são onze... (D2-SP-360:23)

(40) Doc e **aqui no Rio de Janeiro** desde de algum tempo pra cá a cidade...a população ta toda agitada com...com...

L1 com o quê

Doc com...com o imposto...e...com os aumentos...impostos (D2-RJ-355:828)

Como se observa, esses satélites se colocam predominantemente na posição final, pois são informações opcionais que se acrescentam à predicação, quando, para o falante, essa informação é relevante; pertencem, portanto, à dimensão de focalidade da oração. Apresentam, no entanto, forte tendência para se alocarem à esquerda do verbo, conforme mostra o trabalho de Cucolo (2002), que detectou em seus dados 91% de ocorrências de  $s_2$  em posição inicial. Essa tendência está certamente relacionada à função pragmática exercida por esse constituinte na oração.

Tal como  $\sigma_1$ ,  $\sigma_2$  pode exercer a função pragmática Foco quando carrega uma informação avaliada pelo Emissor como essencial para ser integrada à informação pragmática do Destinatário. 57,8% das ocorrências de  $\sigma_2$  em posição inicial desempenham essa função pragmática. A ocorrência (41) exemplifica um caso de atribuição da função pragmática Foco a  $\sigma_2$ .

(41) L2 os outros mesmos não se incumbem de colocá-la no lugar dela?

L1 bom...com uns **TAPas**...às vezes se coloca

L2 ahn

L1 mas com **palavras** ela não se coloca porque ela

L2 ahn

L1 aumenta a voz com os irmãos...não é?... (D2-SP-360:230)

Em (41), o satélite *Causa externa com uns tapas*, como se observa, estabelece um contraste com outra parte de informação explícita, o satélite *Causa externa com palavras*; são, portanto, constituintes Foco que estabelecem um contraste explícito entre duas partes de informação, sendo assim denominados Focos Paralelos. Por esta razão são alocados em posição inicial, reforçada pelo aumento de volume e alteração na frequência fundamental, indicados pelas letras maiúsculas na palavra *tapas*, na primeira ocorrência de Foco marcado.

Em (42), o satélite *hoje em dia* restringe o *EsCo são mais vazios* à atualidade da informante. Em outras palavras, a falante afirma que hoje os filmes exibidos não apresentam conteúdo, não emocionam mais, diferentemente dos de antigamente. Há um contraste claro entre o que ocorre *hoje* e o que acontecia *antigamente*, com relação aos filmes.

(42) Inf. ...eu noto que antigamente ti/ tinham filmes mais assim ::...com maior conteúdo mais e e éh :: os filmes eram mais...ahn ::...o pessoal...não sei hoje em dia não parece tanto filme como antigamente eu me lembro de vários filmes não lembro os nomes...éh :: eram filmes...que tocavam mais as pessoas hoje em dia os filmes são mais vazios sei lá... (DID-SP-234:376)

Deve-se, observar, no entanto, que um número considerável de ocorrências de  $\sigma_2$  apresenta uma certa peculiaridade: são dêiticos, ou seja, indicam o quadro espacial ou temporal do *EsCo* relativo aos parâmetros do Centro Dêitico.

De acordo com Dik (1997), no início de qualquer discurso, se não for estabelecida outra expectativa, o cenário inicial é definido pelos parâmetros do Centro Dêitico: Falante, Ouvinte, Tempo e Lugar da fala. As coordenadas do centro Dêitico estão, então, pressupostas em qualquer discurso, dispensando, em princípio, apresentação. Ora, se uma dessas coordenadas é explicitamente apresentada, significa que tem uma maior relevância, isto é, é uma parte da informação que deve ser destacada para o ouvinte. Na verdade, a explicitação de um satélite dêitico indica haver sempre um contraste pressuposto entre o tempo real e aquele que ocorre contrário ao cenário dado; é o que se observa em (43), em que *hoje* contrasta com um outro tempo passado implícito no discurso nas desinências verbais de pretérito imperfeito (*podia, andávamos, tinha e fazia*) e na locução *naquele tempo*.

(43) Inf. ...mas a gente podia andar na :: na Avenida Farrapos andávamos em fila de SEIS naquele tempo não tinha moviMENTo...e ainda fazia ziguezague né? para ver que hoje não dá nem para chegar uma bicicleta até ali...que é perigoso (DID-POA-45:294)

O mesmo se pode dizer com relação ao quadro espacial, conforme demonstra (44), em que *aqui em casa* claramente apresenta um contraste com um outro lugar pressuposto. É, portanto, um caso de Foco contrastivo Restritivo, ocupando a posição P1:

(44) Inf. nós fazemos carne assada nos domingos...aí titia durante a semana aproveita aquela carne assada vai pra máquina...pode também refogar...daí faz bolinho de carne que a gente chama de croquete...faz também muita almôndega **aqui em casa** a gente come muita almôndega...sabe?... (DID-RJ-328:446)

Dessa forma, as ocorrências de tempo e lugar dêiticos constituem naturalmente Focos Contrastivos. Esses casos não necessitam de marcação especial para indicar essa função pragmática.

Os outros 36,1% de casos (48/133) de  $\sigma_2$  Foco são explicitamente assinalados por meio de mecanismos de marcação, como proeminência prosódica, partículas especiais e clivagem. A ocorrência (45) exemplifica um caso em que *futuramente* manifesta a função Foco por meio da partícula focalizadora *só*, que é reforçada, por sua vez, pela mudança na frequência fundamental da voz do informante, que é acompanhada pelo aumento do volume, indicado pelo uso de caracteres maiúsculos:

(45) Inf. isso na realidade...é um ensaio para futuramente...atendermos às normas jurídicas ao direito...nós estamos diariamente ensaiando...através da socialização como obedecer a ordenamentos não jurídicos...e **SÓ futuramente** como diz Carbonier...é que nós: entramos num é? para compreender e obedecer...um fenômeno do direito... (EF-RE-337:376)

Além da função Foco, ao  $\sigma_2$  pode também, mais raramente (0,8%), ser atribuída a função de Tópico. Para Dik (1989), o Tópico é um conceito discursivo, já que qualquer discurso, tomado no sentido mais amplo de texto coerente, "fala" necessariamente a respeito de entidades. É essa entidade que ele denomina Tópico-Discursivo. Um discurso pode ter diferentes Tópicos-Discursivos, alguns mais centrais do que outros, por isso são hierarquicamente organizados.



Em sentido abstrato, pode-se considerar que um discurso contém um “estoque de tópicos”, vazio no início, que vai gradualmente sendo preenchido com Tópicos-Discursivos, conforme são introduzidos no discurso. Alguns Tópicos têm vida curta e desaparecem, outros são mais pervasivos e permanecem ao longo do discurso.

A função Tópico apresenta, então, a entidade sobre a qual se fala numa dada situação; em outras palavras, na predicação nós dizemos alguma coisa sobre o Tópico. Se um discurso aborda um certo Tópico, este deve ser introduzido em algum momento. Quando apresentado pela primeira vez, o Tópico-Discursivo é denominado Tópico-Novo (TN). O TN combina propriedades da dimensão de topicalidade e focalidade. É tópico na medida em que introduz uma entidade tópica no discurso e focal porque introduz esta entidade no discurso. Um Tópico, tendo sido introduzido no discurso como TN, pode ser tratado como Tópico dado (TD) subsequente, criando-se assim uma “cadeia tópica”.

Uma vez introduzida uma entidade como TN, pode-se tratar não apenas aquela entidade como TD, mas também as entidades que podem ser inferidas do nosso conhecimento de mundo. Essas entidades podem ser chamadas de SubTópico (ST) de um TD. Se a cadeia é quebrada pela introdução de outro Tópico do Discurso, o TD pode ser reestabelecido na forma de um Tópico Retomado (TR), ou seja, quando uma entidade foi introduzida no discurso, mas deixa de ser mencionada por algum tempo, ela pode ser revivida ou reestabelecida na forma de um TR. Isso geralmente acontece quando vários tópicos diferentes foram introduzidos mas o discurso toma apenas um para desenvolver por algum tempo, abandonando os outros.

(46), em que L1 e L2 tratam da cidade de Olinda, exemplifica um caso de  $s_2$  com função Tópico. O constituinte *na cidade pequena* representa a entidade sobre a qual se fala nessa unidade discursiva, já introduzida anteriormente; por isso constitui um Tópico Dado. Está claro que *a cidade pequena* é um epíteto usado para se referir à cidade de Olinda, possibilitando assim a continuidade da cadeia tópica.

(46) L2 você em Olinda ainda vê vez por outra um piano passar na cabeça... não vê mais a cantoria “minha mãe me deu com o machucador e o machucador deu em mim” (3 seg) eu já morei em Recife você sabe que eu já morei toda minha vida no Recife

L1 é a mesma coisa

L2 mas acho Olinda bem melhor

L1 é a mesma coisa você ah gosta mais de Olinda porque em Olinda está toda sua família você tem mais ambiente

L2 não não não não não não não

L1 é aquele negócio da realidade do sujeito que eu dizia ainda há pouco... não é uma realidade introspectiva não é a realidade do sujeito pra você

L2 **na cidade pequena** você tem menos solidão

L1 é melhor mas Olinda é uma cidade assassinada não existe Olinda foi não é (D2-RE-05:115)

Cucolo (2002) observa ainda que  $s_2$  pode também desempenhar uma outra função pragmática, denominada Preparador de Cenário (*Stager*), em 41,3% das ocorrências. Essa função pragmática foi proposta por Hannay (1991) e depois retomada por Bolkestein (1998), que comprova sua relevância ao estudar construções latinas clássicas. Um constituinte com tal função tem como propósito situar, criar um cenário ou quadro para a ocorrência de um EsCo com relação às coordenadas de tempo, espaço e circunstância. Não tem, portanto, a função de fornecer resposta a uma pergunta (implícita) sobre informação concernente à localização, à temporalidade e às circunstâncias de um EsCo, nem de contrastá-la com outras partes de informação como o faz a função Foco. Seu papel é montar o cenário para realização do EsCo, como se observa em (47).

(47) L1 **na faculdade de medicina**...o professor...dá aula...só aula teórica ou só aula prática... (DID-SSA-231:622)

Nessa ocorrência, observa-se que o satélite sublinhado *na faculdade de medicina* não constitui o Foco da informação, uma vez que não estabelece contraste com outras partes de informação mas sim o cenário espacial para a ocorrência do EsCo *dar só aula teórica*. Aliás, a função Foco é desempenhada pelo constituinte *aula teórica*, que é marcado pelo focalizador *só*.

Os satélites de nível 2 com a função de Preparador de Cenário, na verdade, atendem ao Princípio de Iconicidade (DIK, 1989), segundo o qual, o conteúdo semântico e pragmático dos constituintes é iconicamente refletido na ordenação da expressão lingüística em que ocorrem. Ao fornecerem os parâmetros de espaço, tempo e circunstância para a ocorrência de um EsCo, esses constituintes preparam antecipadamente o palco para o desenvolvimento da cena expressa pelo EsCo, como se observa em (48):

(48) Inf. esse jantar dançante...é assim vamos (lá)...eles ah :: o primeiro jantar que tem eles chamam :: a ordem dos...a ordem dos BRUxos...o pessoal que organizou o jantar...então depois **naquele jantar** eles sorteiam outros casais...uns :: quatro casais...para Organizarem outro...jantar (DID-POA-45:23)

Em (48), *naquele jantar* define a circunstância em que o EsCo *eles sorteiam outros casais* ocorre. Por ser uma informação opcional, justifica-se sua anteposição pelo fato de conter uma informação considerada crucial pelo falante: o cenário do EsCo em questão.

Nossos resultados revelam, então, que os satélites de predicação em posição inicial, diferentemente dos de predicado, podem desempenhar três funções pragmáticas: Foco, Preparador de Cenário e, mais raramente, Tópico.

Os satélites de predicação ( $\sigma_2$ ) em posição inicial apresentam-se mais na função semântica de Tempo (42,1%) e de Localização (31,3%). Os de Frequência também são encontrados com certa regularidade, totalizando 20,9% das ocorrências (48/230). Por outro lado, é baixa a incidência dos satélites de Circunstância (3,9%) e de Causa (1,3%). (49) ilustra um caso com a função semântica de Duração, que ocorre em apenas 0,4% dos casos.

(49) L2 e diariamente quase que diariamente eles chegam atrasados...outro dia...((risos)) num mês eles tiveram quinze atrasos...((risos)) quer dizer... (D2-SP-360:332)

## Considerações finais

A atribuição de funções pragmáticas intra-oracionais aos satélites de nível 1 é rara, visto que a função desses constituintes não é a de oferecer um quadro que situe temporal, local e circunstancialmente o EsCo, como é a dos de  $\sigma_2$ ; ao contrário, sua função é a de fornecer outras características adicionais ao EsCo, especificando-o, definindo-o. Por apresentar essa propriedade definidora de EsCo, esses satélites já estão implícitos na predicação nuclear, sendo, portanto, a pós-verbal a sua posição mais natural. Só se coloca em início de oração quando a ele for atribuída a função pragmática de Foco.

Os satélites de nível 2, por outro lado, apresentam maior liberdade de colocação que os de nível 1. Quando em posição inicial, podem desempenhar diferentes funções pragmáticas: Foco, Preparador de Cenário e Tópico.

A função mais atribuída aos constituintes alocados no início da oração é a de Foco, com 61,6% dos casos estudados. É necessário observar, no entanto, que  $\sigma_2$ , quando expressos por dêiticos como *hoje*, *antigamente*, *atualmente* etc., são sempre Focos. Essa interpretação se justifica pela própria natureza dos dêiticos. Como já assinalado, a localização espacial e temporal de um EsCo é, em princípio, interpretada como relacionada ao Centro Dêitico (Falante, Ouvinte, Tempo e Lugar de fala), não havendo, portanto, necessidade de explicitá-la, a

menos que razões pragmáticas o exijam. Dessa forma, a explicitação do satélite de tempo e lugar dêitico tem uma motivação pragmática relevante, que é a de contrastar o tempo e o lugar do momento da enunciação com outro. Assim, se desconsiderarmos os dêiticos, restam apenas 48, num total de 133 ocorrências, de  $\sigma_2$  como Foco. Desse modo, verifica-se então que a função pragmática mais freqüente desse tipo de satélite é a de Preparador de Cenário, com 95 ocorrências, correspondendo, portanto, a 66,4%.

Este estudo traz ainda uma contribuição importante para a descrição do português falado. Como já foi observado, Dik (1981, 1989) prevê apenas a posição P1 para alocar constituintes-P1 ou constituintes com funções pragmáticas de Tópico e Foco. Ocorrências como (50), no entanto, mostram que o Português, como outras línguas (DIK, 1989, p.364), necessita de mais posições à esquerda do verbo para alocar outros constituintes.

(50) Inf. [...] e podendo inclusive...eleger...representantes...para que esses mesmos representantes...sejam...seus porta vozes...possam com isso propor...legislar fazer ver inclusive ao poder executivo...ver que determinadas classes...são carentes de determinadas...questões...e que só **através desses representantes** é que evidentemente se pode chegar...a um denominador comum...ou a uma solução... (DID-RE-131:311)

Em (50), verifica-se que, apesar de o satélite *através desses representantes* ser o Foco da oração, marcado pela partícula *só*, ele não se coloca em P1, visto que ela já está ocupada pelo constituinte-P1, o relator subordinativo *que*. Dessa forma, esse satélite posiciona-se entre P1 e o satélite de nível três *evidentemente* que, por sua vez, coloca-se antes do predicado *se pode chegar*, gerando o padrão P1 Pa Pb (S) V O.

A análise dos dados revela que a grande maioria (81,8%) dos satélites antepostos ocupa a posição P1 (208/253), já em Pa, foram encontrados 45 satélites, o que perfaz 18,1% dos casos. A ocorrência (51) exemplifica um caso em que P1 é ocupada pelo  $\sigma_2$  Locação *numa igreja*, com a função de Preparador de Cenário, e Pa, pelo  $\sigma_2$  Tempo, o dêitico *hoje*, com função pragmática de Foco.

(51) Inf. há ainda uma terceira razão...((interferência de locutor acidental))...por ser no escuro...demonstra...que a imagem não foi feita...para decorar a caverna...ou para ser vista por outras pessoas...certo? por exemplo **numa igreja hoje** você tem imagens que representam...uma idéia religiosa uma série de coisas mas que estão lá para ser vistas também...a igreja é clara... (EF-SP-405:255)

Como se observa, nossos dados revelam que o português, a despeito de seu caráter posposicional, tende a abrigar uma gama variada de constituintes à esquerda do verbo, principalmente os que carregam função pragmática, atendendo assim ao Princípio de Relevância Pragmática, que determina que constituintes com função pragmática tendem a se posicionar em início de oração.

Com relação à disposição linear de  $\sigma_1$  e  $\sigma_2$ , pode-se afirmar que sua ordenação é determinada por dois princípios de ordenação de constituintes: o Princípio da Relevância Pragmática e o Princípio de Ordenação Icônica. De acordo com o primeiro, os constituintes com funcionalidade pragmática são preferencialmente colocados em posições especiais, principalmente a inicial; de acordo com o segundo, o conteúdo semântico e pragmático dos constituintes é iconicamente refletido na ordem da expressão lingüística em que ocorrem. Esse princípio é responsável principalmente pela ordenação dos constituintes com a função de Preparador de Cenário, uma vez que o cenário deve ser montado antes da apresentação da peça. Assim, o constituinte com essa função deve preceder o EsCo para preparar o palco onde se desenvolverá a cena.

PEZATTI, E. G.; CUCOLO, G. R. Adverbial constituents in clause-initial position. *Revista do GEL*, São Paulo, v.1, n.1, p.49-70, 2003.

□ **ABSTRACT:** *The purpose of this paper is to examine the predicate and predication from satellites that are placed in clause-initial position in spoken Brazilian Portuguese under the Functional Grammar perspective. The results support the hypothesis that the satellites placed on the left of the clause fulfill the intra-clausal pragmatic function of Topic, Focus or Stager.*

□ **KEYWORDS:** *Functionalism; word order; adverbial; pragmatic function.*

## Referências

BOLKESTEIN, A. M. What to do with Topic and Focus? Evaluating pragmatic information. In: HANNAY, M.; BOLKESTEIN, A. M. (Eds.). **Functional grammar and verbal interaction**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1998. p.193-214.

- CÂMARA, A. L. **A ordem dos satélites de nível 2 no português brasileiro falado**. Relatório de Pesquisa de Iniciação Científica PIBIC/UNESP/CNPq, 2003.
- CUCOLO, G. R. **Os constituintes adverbiais de nível 1 e 2 em posição inicial da oração**. São José do Rio Preto. 2002. 80f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP – São José do Rio Preto, 2002.
- DIK, S. **Functional grammar**. Dordrecht, Cinnaminson: Foris, 1981.
- \_\_\_\_\_. **The theory of function grammar: the structure of the clause**. Dordrecht: Foris, 1989. pte.1.
- \_\_\_\_\_. **The theory of functional grammar: complex and derived constructions**. New York: Mouton, 1997. pte.2.
- DIK, S. et al. The hierarchical structure of the clause and the typology of adverbial satellites. In: NUYTS, J.; BOLKESTEIN, A. M.; VET, C. (Eds.). **Layers and levels of representation in language theory: a functional view**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1990. p.24-69.
- FIRBAS, J. Some aspects of Czechoslovak approach to problems of functional sentence perspective. In: DANES, F. (Ed.). **Papers on functional sentence perspective**. Prague: Academic Publishing House of the Czechoslovak Academy of Sciences, 1974. p.11-37.
- GARCIA, T. S. **A ordem dos satélites de nível 1 no português brasileiro falado**. Relatório de Pesquisa de Iniciação Científica PIBIC/UNESP/CNPq, 2003.
- HANNAY, M. Pragmatic function assignment and word order variation in a functional grammar of English. **Journal of Pragmatics**, Amsterdam, v.16, p.131-155, 1991.
- JAKOBSON, R. Beitrag zur allgemeinen Kasuslehre. **Travaux du Cercle Linguistique de Prague**, Prague, v.6, p.240-288, 1936.
- KIM, A. H. Preverbal focusing and type XXIII languages. In: HAMMOND, M. (Ed.). **Studies in syntactic typology**. Amsterdam: Benjamins, 1988. p.147-169.
- KUNO, S. Japanese: a characteristic OV language. In: LEHMANN, W. P. (Ed.). **Syntactic typology**. Austin: University of Texas Press, 1978. p.57-138.
- TRUBETZKOY, N. S. Grundzüge der phonologie. **Travaux du Cercle Linguistique de Prague**, Prague, v.7, p.240-288, 1939.

# FUNCIONALISMO E LINGÜÍSTICA DO TEXTO

Maria Helena de Moura NEVES<sup>1</sup>

▣ **RESUMO:** O trabalho defende que as noções teóricas básicas da Lingüística do Texto (LT) estão contidas nas propostas teóricas da Gramática Funcional (GF). Argumenta-se que, se a LT tem em vista a "competência textual", só se pode admitir um aparato de análise que contemple o uso da língua produzindo sentidos para cumprir funções, isto é, uma teoria que faça, acima de tudo, a interpretação dos textos (interacionalmente motivados), que são, afinal, as reais unidades de uso.

▣ **PALAVRAS-CHAVE:** Lingüística do texto; funcionalismo; competência textual.

## Apresentação e discussão do tema

A Lingüística do Texto (LT)<sup>2</sup> é uma disciplina que vem há algumas décadas revolucionando os estudos lingüísticos. Condutora de muitos dos principais trabalhos que se têm preparado modernamente sobre os diferentes aspectos da investigação lingüística, ela evoluiu a partir de uma análise que nasceu como extensão da lingüística da frase, e que, portanto, via o texto como um encadeamento de frases<sup>3</sup>. Entretanto, ela consolidou-se exatamente como um

---

<sup>1</sup> Departamento de Pós-Graduação – Universidade Presbiteriana Mackenzie-UPM, 01302-907, São Paulo-SP, Brasil. Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras-UNESP, 14800-901, Araraquara-SP, Brasil. Pesquisadora do CNPq. E-mail: mhmneves@uol.com.br.

<sup>2</sup> Esse é o rótulo mais geral da disciplina, ao lado de "Lingüística Textual", embora só possa tratar-se, a rigor, de uma investigação textual-interativa, textual-discursiva.

<sup>3</sup> Cite-se Beaugrande (1997, p.1): "Defendo [...] a opinião de que a lingüística textual, originalmente, se formou para tratar melhor de certos problemas que já tinham aparecido na chamada lingüística oracional. Apenas posteriormente, ela foi interpretada como um contraprojeto." Observo que li esse texto de Beaugrande

aparato de investigação que prescindia da consideração de instâncias menores pré-estabelecidas e pré-estudadas, porque fixa como objeto de estudo o texto em si e por si, assegurada, obviamente, sua inserção na instância de produção. Afinal, há de ser reconhecido, com Beaugrande (1997, p.4), que "[...] o trabalho com textos mudaria a paisagem teórica e prática da lingüística".

Em 1983, Koch e Fávero registram como objeto de investigação da LT "[...] não mais a palavra ou a frase, mas sim o texto, por serem os textos a forma específica de manifestação da linguagem", e referem-se à LT como um novo ramo da Lingüística (KOCH; FÁVERO, 1983, p.11). Quase vinte anos depois, Vilela e Koch (2001, p.443) já observam que a afirmação de que a Lingüística Textual ou Teoria do Texto é um ramo recente da Lingüística vai perdendo a sua validade, pois a Lingüística do Texto, hoje, atingiu a maturidade.

De todo modo, é necessário buscar entender o que é, exatamente, "um ramo da Lingüística", seja novo seja maduro. Uma proposta? Uma técnica? Uma metodologia de investigação? Ou simplesmente, e exatamente, o espaço de definição de uma nova unidade de análise até determinado momento não considerada como passível de investigação, a não ser para exame de aspectos estilísticos, e, portanto, fortuitos? Porque, com certeza, nenhum dos estudiosos que se têm dedicado a esse "ramo" pode invocá-lo como uma teoria, embora saibam todos muito bem que nenhuma investigação coerente se faz sem uma teoria que a sustente<sup>4</sup>. Por isso mesmo, nos diversos trabalhos consistentes da LT aparecem, necessariamente, marcas avulsas de sustentações teóricas, às vezes declaradas, mas na maior parte das vezes, não.

Está afirmado em Koch e Fávero (1983, p.17) que gramática textual não é um tipo específico de gramática, como a estrutural, a gerativo-transformacional ou a funcional, mas que fragmentos de gramáticas textuais podem ser formulados em termos de qualquer um destes modelos.

Entretanto, teorias do texto já foram formuladas para abrigar essa disciplina<sup>5</sup>, como fez, por exemplo, Petöfi (1971, 1972), que colocou a gramática do texto no arcabouço mais amplo de uma teoria do texto que abrigava um

---

quando este artigo já estava praticamente pronto. Entretanto, no texto encontrei importante respaldo para o que defendo, e, por isso, dele me valho seguidas vezes nesta Introdução.

<sup>4</sup> Pertinente neste ponto é retomar a citação que Beaugrande (1997, p.5) faz de Heinemann e Viehweger (1991), os quais "[...] se referem a um considerável déficit teórico na lingüística textual e à necessidade de estabelecer um fundamento para esta disciplina".

<sup>5</sup> Como já indiquei aqui, a Lingüística do Texto começou como uma investigação transfrástica. Agora se aponta que ela passou por uma fase de elaboração de gramáticas textuais antes de chegar a uma Lingüística que parte do texto para buscar seqüências menores (CONTE, 1977). Acresça-se a esse percurso o avanço a partir de uma investigação que se fixava na rede textual para uma investigação que abrange toda a organização textual-interativa.



componente transformacional atuando sobre uma representação semântica<sup>6</sup>. Citando Pêtöfi (1979), Beaugrande (1997, p.1) refere-se à “confrontação entre lingüística textual e lingüística oracional, que se estendeu dos anos 60, 70 até os anos 80”, como “pouco satisfatória”<sup>7</sup>. Quem não se lembra, ainda, da proposta de Van Dijk (1972)<sup>8</sup> de uma gramática gerativa do texto semelhante à gramática da frase, e da conseqüente polêmica com Dascal e Margalit (1974)<sup>9</sup>, que já asseguravam a impossibilidade desse tratamento?

<sup>6</sup> Petöfi (1971), considerando as gramáticas de frase como incapazes de tratar devidamente os fenômenos lingüísticos, sugere uma interpretação lingüístico-semântica e também lógico-semântica da estrutura profunda, e, assim, une a semântica gerativa e a gramática interpretativa, nas suas propostas de uma gramática de texto. Petöfi (1972) põe em consideração os problemas teóricos fundamentais do modelo de frase da gramática transformacional de frases, bem como os desenvolvimentos posteriores que dizem respeito à representação semântica. Compara os dois modelos, mas a descrição adotada é a que o autor chama co-textual, isto é, a que repousa apenas sobre a informação que pode ser atingida com o auxílio de uma gramática explicitamente construída. A descrição gramatical do texto é vista como uma generalização da descrição gramatical da frase. Trabalhos subseqüentes do autor, entretanto, incluem aspectos da comunicação verbal na teoria do texto: Petöfi (1973) parte da mesma hipótese de que a gramática de texto pode e deve ser considerada como uma generalização da gramática de frase, mas leva em consideração não apenas as propriedades internas da estrutura textual (o co-texto), mas, ainda, os aspectos pragmáticos da comunicação verbal (o con-texto); Petöfi (1974) considera que a tarefa da teoria de texto é a reconstrução da atividade comunicativa verbal, e, por isso, a teoria é definida como “teoria da estrutura do texto – estrutura da comunicação”. A descrição dessa atividade levará à individualização de estratégias para a produção e compreensão dos textos. Estudam-se, ainda, as relações entre o mundo manifestado pela estrutura verbal e o mundo real, que não é, porém, a realidade objetiva definida e representada na mente do falante, mas é o mundo manifestado em doutrinas, normas jurídicas, ideologias, ciências. A teoria que opera o confronto desses mundos é chamada “teoria da estrutura do texto-estrutura do mundo”. Petöfi (1975) apresenta como componentes da representação semântica do texto: o conjunto de descrições de objetos referidos; o conjunto de proposições representadas; o conjunto de redes temáticas; a referência temporal; o conjunto de redes comunicativas; as relações entre os objetos do discurso. Esses componentes determinam a coerência tanto no nível superficial como no de estrutura profunda. Chega-se à coerência, determinada por esses componentes, tanto no nível superficial como no de estrutura profunda.

<sup>7</sup> Especifica Beaugrande (1997, p.1): “A primeira confrontação é bastante conhecida: trata-se da dicotomia lingüística descritiva vs. lingüística gerativa. A primeira lingüística textual foi representada em ambas as correntes; na lingüística descritiva, o texto foi interpretado como ‘a unidade que ocupa, na hierarquia do sistema lingüístico, o próximo grau superior à oração’, e para a lingüística gerativa, o texto representou ‘uma seqüência bem formada de orações bem formadas’. Estas duas correntes, até então, tiveram pouco contato com o texto; cada uma por suas próprias razões: na lingüística descritiva, por exemplo, Bloomfield (1933) definiu a oração explicitamente como ‘a maior unidade lingüística’; e, na gramática gerativa, a oração se tornou axiomática. A definição de uma língua como ‘conjunto infinito de orações’ (CHOMSKY, 1957) fez com que a análise de unidades maiores aparecesse infrutífera.”

<sup>8</sup> Van Dijk (1972) propõe uma gramática de texto de base semântico-gerativa na qual regras de base geram textos, não frases. A categoria maior dessa gramática é, pois, T (texto), e não S (frase; inglês: sentence). Para a defesa de uma gramática de texto, ele apresenta argumentos metodológicos e empíricos: metodologicamente, o argumento é que o domínio natural da gramática é o discurso, não as frases; empiricamente, revê-se a noção de competência de Chomsky (1957), com base na pesquisa psicolingüística. Van Dijk (1973) estuda mais acuradamente, na base da lógica natural, a estrutura profunda do texto defendida em Van Dijk (1972). Sugere a existência de uma lógica do texto, que gera representações lógicas das seqüências e especifica as regras de derivação.

<sup>9</sup> Dascal e Margalit (1974), examinando os argumentos apresentados a favor da substituição das gramáticas de frase existentes por uma gramática de texto, concluem que eles não provêm uma base satisfatória para

Obviamente tais tentativas não puderam ser levadas adiante, pela própria incompatibilidade entre o fundamento teórico escolhido para sustentação da análise e o objeto de análise. Com efeito, se o que se tem em vista, na LT, é a competência textual do falante, isto é, o conjunto de “habilidades do usuário da língua” (KOCH; FÁVERO, 1983, p.14), só se pode admitir um aparato de análise que se volte para a língua em uso, isto é, uma teoria que contemple o uso da língua produzindo sentido para cumprir funções<sup>10</sup>. Parece muito evidente que a competência textual a que a Linguística do Texto visa tem abrigo exatamente naquilo que constitui o denominador comum das mais diversas teorias funcionalistas: a proposição da competência comunicativa como objeto de exame (HYMES, 1974), e, portanto, o direcionamento do exame para o uso linguístico<sup>11</sup>.

Uma gramática funcional (GF), com efeito, faz a interpretação dos elementos que compõem as estruturas da língua (tendo em vista suas funções dentro de todo o sistema linguístico) e a interpretação do sistema (tendo em vista os componentes funcionais), mas faz, acima de tudo, a interpretação dos textos, que são considerados as unidades de uso. Como está em Neves (1997, p.25), em referência às propostas do funcionalista Givón (1984, p.40), o que se põe sob observação é não apenas o modo como se dá a concatenação das proposições, mas também as regras textuais a que as proposições devem ser submetidas para que não haja quebra da estrutura temática e para que haja coesão e coerência na composição linguística.

Incorpora-se nessa visão a integração dos diversos componentes – sintático, semântico e pragmático – o que representa o abandono do tratamento modular e a adoção do relacionamento de domínios funcionais: mais especificamente, propõe-se uma teoria funcional da sintaxe e da semântica que se desenvolva dentro de uma teoria pragmática. Se tal teoria abriga como regras não apenas

---

essa substituição. O abandono da gramática de frase pela de texto implicaria perda de precisão, o que significaria a renúncia ao que de mais importante se conseguiu com a revolução de Chomsky (1957): o estabelecimento da formalização na teoria linguística.

<sup>10</sup> Beaugrande (1997, p.5-6) diz que “é indispensável verificar – através de investigações empíricas num corpus de dados muito grande, como aquele do ‘banco de inglês’ na Universidade de Birmingham – o grau de formalidade ou funcionalidade que nossa próxima geração de teorias deveria ter (BEAUGRANDE, 1994, 1996a, 1996b); nisso, estaria o meu lema: tão funcional como possível e tão formal como necessário”. E acrescenta: “Tal gramática, conforme o modelo funcional de Halliday, também apresentei no meu novo livro sobre ‘os fundamentos’ (BEAUGRANDE, 1996a)”. A proposta de Beaugrande é que se coloque “a gramática numa base tríplice, i.e. linguística, cognitiva e social” (1997, p.5) e que se use o termo ‘ciência do texto’ em vez de ‘linguística textual’, já que os pesquisadores com formação na linguística textual “deverão compreender-se antes como peritos de texto e colaboradores numa ampla ‘ciência transdisciplinar’”, na qual as perguntas relevantes, “que não são apenas ‘linguísticas’ no sentido comum deste termo [...] são analisadas e respondidas multidimensionalmente” (1997, p.9).

<sup>11</sup> Muito frequentemente os trabalhos de LT se referem ao objeto “competência comunicativa”, e alguns citam Hymes (1974).

aquelas que governam a constituição das expressões lingüísticas mas também as que governam os padrões de interação verbal, e se as primeiras são apenas instrumentais em relação a estas últimas (DIK, 1989, 1997), fica assentado que o fim último da busca de explicação se situa nos modos de uso das expressões lingüísticas. As frases são, em última análise, correspondentes lingüísticos de atos de fala, e, portanto, nada mais são do que a ponta de saída do esquema interacional<sup>12</sup>. É um esquema, pois, em que a pragmática deixa de entrar como simples perspectiva para integrar uma gramática regulada pelas funções da linguagem, entendido que os componentes fundamentais do significado são os componentes funcionais. Ficam abrigadas na teoria as relações naturais entre discurso e gramática, tudo a partir da noção de que a produção do enunciado resulta da complicada troca que é a interação lingüística. Como aponto em Neves (2002, p.175), o que se faz nas propostas funcionalistas é falar de gramática falando de funcionamento e de funções, é configurar a gramática olhando para além da expressão lingüística, e, nesse tipo de análise, as estruturas que se ponham em exame "[...] constituirão, em princípio, amostras de cadeias que apenas medeiam, não estabelecem, a interação, cadeias representativas de um determinado momento de equilíbrio instável da língua."

Assim, o que está em consideração não é uma estrutura estanque e absolutamente autônoma, mas um sistema que, a partir de estruturas cognitivas expandidas de centros categoriais<sup>13</sup>, se revele em contínuo processo acomodativo (DU BOIS, 1985). Reconhece-se um embate entre pressões internas e pressões de ordem comunicativa, tais como os interesses dos interlocutores (a governar as atitudes), as necessidades informativas (a marcar com diferentes pesos as diferentes porções do enunciado) e as necessidades retóricas (a conferir relevo às diferentes instâncias da elocução). Porque dinâmicos e sensíveis às pressões do funcionamento lingüístico, os sistemas lingüísticos se prestam a uma adaptação contínua mas sempre equilibrada, dirigida para a satisfação das necessidades comunicativas dos falantes, o que leva ao reconhecimento de que, em qualquer estágio, a gramática é emergente (HOPPER, 1987).

---

<sup>12</sup> Não se trata, pois, daquela consideração de uma simples interpretação pragmática pela qual "introduziram-se 'atos de fala' como unidades ideais cuja relação com as unidades práticas da comunicação ficou inexplicada", de que fala Beaugrande (1997, p.4), citando Schegloff (1992).

<sup>13</sup> Mondada e Dubois (1995, p.275) falam em "instabilidade constitutiva das categorias", defendendo que a prática de produção e de interpretação dos textos é atribuível a uma "[...] construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo". Assim, o sujeito constrói o mundo no curso da realização de suas atividades e o torna estável graças às categorias, especialmente às manifestadas no discurso.

Beaugrande (1997, p.4) afirma que a abertura da lingüística em respeito à semântica e à pragmática aconteceu “[...] como o primeiro movimento em direção à lingüística textual”<sup>14</sup>.

Nesse mesmo terreno, é notável a confluência de atenção entre a GF e a LT quanto à postulação de uma não-discretização, ou seja, quanto à noção de gradação no estabelecimento de entidades. Como diz Barros (1999, p.4), “[...] são os fatos lingüísticos instáveis, aqueles que não se resolvem como ‘ou isto ou aquilo’ que instigam os estudiosos da linguagem e os do discurso e do texto, antes de todos.”

Esse equilíbrio instável e essa fluidez de limites entre as entidades é, na verdade, o que o tratamento funcionalista coloca especialmente sob exame, na busca de entender como se obtém a comunicação com a linguagem, sempre implicados a necessidade e o desejo de sucesso na interação, ou seja, o cumprimento das metafunções da linguagem. O mais importante a destacar, acredito, é a proposta funcionalista de uma construção de sentido operando-se no fazer do texto, subordinando-se o exame das manifestações lingüísticas ao cumprimento das funções da linguagem, por via da consideração dos propósitos que fundamentam os usos da linguagem (HALLIDAY, 1985).

Acredito que qualquer dos temas que vêm sendo tratados na LT pode prestar-se à verificação de grandes pontos de harmonização entre as propostas da GF e os estudos da LT. Para condução das reflexões que aqui se trazem, vou tomar um dos processos básicos de constituição do enunciado, a referenciação, extensivamente tratado nos trabalhos mais recentes de LT, e vou pôr sob exame análises abrigadas na LT e abrigadas na GF a fim de comparar as propostas, considerando a hipótese de que elas se harmonizam. Interfere na reflexão uma categoria central do componente pragmático que o Funcionalismo (DIK, 1989, 1997) considera integrado à gramática, o Tópico (seja frasal seja discursivo), que, juntamente com o Foco, permite que os eventos descritos no discurso e as entidades neles envolvidas tenham sua importância comunicativa e sua relevância relativa estabelecidas<sup>15</sup>. O tópico discursivo, matéria e inspiração de grandes trabalhos da LT<sup>16</sup>, é uma entidade de estatuto teórico no modelo

<sup>14</sup> À lingüística textual Beaugrande (1997, p.5) atribui um feito histórico, quando diz que ela “[...] livrou a semântica e a pragmática da sua camisa-de-força formal-interpretativa” e que ela “[...] dispôs-se a incluir os resultados de diferentes correntes de pesquisa, como a perspectiva funcional da frase da Escola de Praga (por ex.: Danes, Firbas), a teoria soviética de ação (por ex.: Leon’tev, Lurija), a teoria britânica do sistema lingüístico (por ex.: Halliday e Hasan), a psicologia cognitiva (por ex.: Kintsch, Rumelhart) e a inteligência artificial (por ex.: Schank, Woods).”

<sup>15</sup> O capítulo 13 do v.1 de Dik (1997), denominado Pragmatic functions, dedica-se ao estudo das entidades Topic e Focus bem como das propriedades topicality e focality. Nos capítulos 13 e 14 do v.2, o autor volta a tratar do Foco.

<sup>16</sup> Seja exemplo o conjunto de trabalhos do grupo de Organização Textual-Interativa do Projeto “Gramática do Português Falado”, de que invoco especialmente alguns que tratam mais marcadamente da organização

funcionalista, e nenhum desses trabalhos deixa, de, em última análise, invocar tais postulados teóricos.

## Uma incursão pelo estudo da referenciação

No estudo da referenciação, em ambas as modalidades de estudo, é central a consideração da progressão referencial relacionada à progressão tópica.

Iniciemos pela assunção básica da LT<sup>17</sup> de que o processo de referenciação não se reduz à identificação de objetos da realidade, mas diz respeito à própria constituição do texto como uma rede em que referentes são introduzidos como objetos-de-discurso (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995), e como tais são mantidos, segundo determinadas estratégias dependentes da formulação textual. Em ligação com a progressão ou a manutenção referencial que mapeia a teia do texto – preservação de referentes introduzidos, introdução de novos referentes, retomada e reintrodução de uns ou de outros, projeções referenciais – entende-se, pois, que se delinea a progressão ou a manutenção tópica, que sustenta a organização informativa e dirige o fluxo de informação.

Exatamente sobre isso diz a GF que todo o discurso é "sobre" alguma entidade (o tópico discursivo), que tem de ser apresentada pela primeira vez (o tópico novo) (DIK, 1997, p.314). Os tópicos discursivos podem ser vários, e podem ser hierarquizados (isto é, um pode ser mais central), eles podem ser de uma parte maior ou menor do discurso (livro, capítulo, seção, parágrafo, frase), podem ser seqüencialmente organizados ou ser não-relacionados, etc. Abstratamente, no discurso há um estoque de tópicos: vazio, no início, mas, depois, gradualmente, preenchido. Alguns tópicos desaparecem logo, outros ficam vivos durante todo o discurso, etc.

Tratando da categorização, que configura nominalmente as entidades, mostram os estudos de LT que um objeto pode ter sido configurado apenas discursivamente no texto e não ter ainda recebido nenhuma designação, isto é,

---

tópica da interação: Jubran et al. (1992); Jubran (1993, 1996a, 1996b, 1999); Koch (1999), que, na p.183, cita a Escola Funcionalista de Praga; Marcuschi (1996, 1999), que invoca o princípio funcionalista da iconicidade das formas; Risso, Silva e Urbano (1996), que, na p.45, falam em "[...] matizes mais ou menos flexíveis de oscilações, dentro dos quais é possível situar a 'classe' dos marcadores conversacionais", e, mais adiante, voltam a invocar esse princípio de base funcionalista que, na organização das categorias e dos elementos, concebe um continuum característico de uma série em movimento, com elementos mais típicos e mais modelares e elementos menos típicos e menos modelares, continuum que "[...] se tem revelado, em várias circunstâncias, como bastante pertinente para a definição e qualificação das configurações discursivas, em geral" (p.58); Travaglia (1999).

<sup>17</sup> Eu mesma já iniciei um artigo com essas indicações (NEVES, 2001, p.993).

não ter sido categorizado. Pode, também, já ter sido nomeado, e, nesse caso, pode ocorrer uma recategorização. É uma vez que toda designação referente a uma porção de texto constitui, de certo modo, uma predicação, ou seja, uma atribuição de propriedades ao objeto designado, as duas designações – a inicial e a remissiva – estarão necessariamente enfeixando um conjunto de propriedades predicativas, e não totalmente coincidentes. Além de operar em termos de intensão (o que representa uma operação sobre a própria categorização inicial), a recategorização pode operar em termos de extensão, sem que a primeira categorização fique afetada. Nesses termos, a recategorização pode operar ampliação ou redução, fragmentação ou condensação do objeto, permanecendo inalterada a categorização lexical.

Disso cuida a GF quando trata da introdução primeira de um tópico (tópico novo) bem como da reintrodução de um tópico e de sua consideração, nesse caso, como tópico dado (DIK, 1997, p.314). O tópico novo é associado por Dik (1997, p.312) à outra categoria do componente pragmático, a focalidade: quando um novo participante é introduzido no discurso, ele é parte do gerenciamento da focalidade, porque concerne a entidades sobre as quais o falante quer dizer algo.

Na LT, uma reflexão básica diz respeito à cadeia referencial do texto, sendo ponto-chave das reflexões a coesão referencial, “[...] aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) do universo textual” (KOCH, 1989, p.30).

O funcionalista Halliday (1985) atribui à adequação dos processos de textualização, isto é, ao bom cumprimento da função textual – aquela que confere relevância às outras duas, a ideacional e a interpessoal – a possibilidade de recuperação de um referente a partir de um item mencionado anteriormente no texto. Dik (1997, p.319) fala em “cadeia fórica” e “cadeia tópica” ao explicitar as estratégias de manutenção de tópico dado, ressaltando que os falantes usam estratégias destinadas a manter um tópico dado até quando ele for relevante para a comunicação. Falando da referência anafórica, ele especifica expedientes pelos quais o tópico dado é conservado vivo para posterior referência.

Quanto à identificabilidade e à acessibilidade, dizem os estudos de LT que uma referencição textual é bem sucedida quando o ouvinte consegue identificar o referente do discurso no ponto em que essa operação lhe é solicitada, e tal identificação ocorre quando o falante a deixou acessível. Isso configura duas propriedades da referencialidade no discurso, a identificabilidade e a acessibilidade, ambas ligadas à distribuição de informação, dependentes do contínuo em que se distribuem o dado e o novo no discurso (NEVES, 2001, p.995)<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> Vejam-se as referências a Du Bois (1985) e a Hopper (1987) na Introdução.

Para Chafe (1996, p.42), ambas as propriedades implicam associação com outras idéias. A acessibilidade, porém, requer uma espécie mais direta e imediata de inferência, já que não se limita a pessoas, objetos e abstrações, mas estende-se a eventos e estados. Na identificabilidade, propõe Chafe, estão implicados: em primeiro lugar, o julgamento, pelo falante, de que o conhecimento do referente a que se remete já é compartilhado (direta ou indiretamente) com o ouvinte; a seguir, a escolha, pelo falante, de uma linguagem com tal rigor de categorização que todos os referentes compartilhados por ele e pelo ouvinte se reduzam ao que está em questão; e, afinal, o julgamento, pelo falante, de que esse referente particular é o exemplar mais saliente da categoria, dentro daquele contexto<sup>19</sup>.

A GF (DIK, 1997, p.131) trata da disponibilidade de referentes, apontando como suas potenciais fontes:

a) a informação de longo termo de que dispõem os interlocutores, como em:

O sol já está todo além da linha do horizonte.<sup>20</sup>

b) a informação introduzida em segmento precedente do texto, como em:

Entraram num pequeno cômodo de chão batido, iluminado por filô, cuja luz incidia sobre duas ou três enroladas (ao lado das quais estava deitado **um cachorro**) e sobre um velho toro de cedro chanfrando nas extremidades – um cepo, alguma coisa que podia servir de assento. Ao pressenti-los, o **cachorro** pôs-se de pé e entrou a latir; olhava para Jenner e Ricardo com o ar de espanto, orelhas fitas.

c) a construção do referente com base em informação perceptualmente disponível na situação, como em:

– Você está vendo **a bacia** daí?

d) a inferência da identidade do referente a partir de informação disponível em qualquer das outras fontes (a) – (d), como em:

Cada Estado tem de ceder duas pessoas para a comissão de alimentação, que tem a tarefa de cozinhar para os 600 sem-terra. **A comida** tem sido elogiada. O **prato** pode ser completado até onde permite a Lei da Gravidade, mas é proibido repetir.

<sup>19</sup> Está em questão, mais uma vez, a instabilidade das categorias, que leva à noção de prototipia (TAYLOR, 1989).

<sup>20</sup> Os trechos usados para exemplificação foram retirados do banco de dados do Laboratório de Estudos Lexicográficos da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP Câmpus de Araraquara, que abriga mais de cem milhões de ocorrências. Neste trabalho, não se considerou necessária a indicação da fonte de referência em cada exemplo.

Outro tema bastante tratado no estudo da referenciação, na LT, é a retomada de antecedente anafórico em situações mais complicadas. Há um exemplo de Charolles e Schnedecker (1993) constantemente invocado para ilustrar a discussão sobre a necessidade que existe, em certas situações, de escolha de um entre dois sintagmas nominais, como antecedente de uma anáfora, quando a remissão se segue a um processo transformador. Sugere-se que o primeiro referente apontado no discurso confere de algum modo à mistura sua categorização lingüística, como está em:

Ele verteu uísque em um copo. Acrescentou água e o bebeu.

Ele verteu água em um copo. Acrescentou uísque e a bebeu.

mas que isso ocorre especialmente se o primeiro referente apontado indica maior proporção do que o segundo, como está em:

Ele verteu três dedos de uísque em um copo. Acrescentou um pouquinho de água e o bebeu.

Ele verteu três dedos de água em um copo. Acrescentou um pouquinho de uísque e o bebeu.

Dik (1989, 1997) refere-se às estratégias pelas quais um TD que não foi mencionado durante algum tempo é revivescido e reestabelecido no discurso como um tópico retomado.

Também é recorrente, no estado atual da LT, a investigação da anáfora associativa, um tipo de anáfora nominal não-correferencial (CHAROLLES, 1994, p.67) pelo qual se introduz como conhecido um referente que ainda não foi explicitamente mencionado no contexto anterior mas que pode ser identificado com base em informação introduzida previamente no universo de discurso, configurada em um outro referente disponível no contexto:

O Cruz, tendo mais uma de suas idéias malucas, determinou que seria uma boa realizar uma sessão literária naquela cidade. Por intermédio de amigos conseguiu o sinal verde da prefeitura, para realizar a sessão **no coreto da praça principal e única**, e do delegado de polícia, para que o sarau se realizasse à noite e que se estendesse, caso necessário, até a madrugada.

Nesse enunciado, existe uma referência textual indireta, pela qual um novo referente – *coreto* – é introduzido como elemento anafórico. Entretanto, ele é anafórico não do referente de uma expressão antecedente – *cidade* – mas, sim, por via desse referente (KLEIBER, 1999, p.339).



Em muitos pontos a relação associativa difere da correferência, e, para mostrar isso, Charolles (1999, p.313) indica, especialmente, o fato de que o sintagma nominal anafórico associativo, diferentemente do correferencial, é novo, isto é, até a sua ocorrência “[...] a entidade não tinha sido mencionada, e, conseqüentemente, não era parte do conjunto de entidades já introduzidas no modelo do discurso.”

Desse modo, pode-se afirmar que a anáfora associativa introduz – e, não, remete a – um objeto de discurso, ou seja, ela cria um referente textual. A interpretação das seqüências associativas regularmente se assenta em informações já registradas, mas só ocorre em função do compartilhamento de conhecimento entre os interlocutores, e em função de estereótipos culturais (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1999, p.367) que cercam a interlocução. A anáfora associativa introduz um referente novo no discurso, e, por isso, nunca ocorre que o antecedente do sintagma anafórico associativo proporcione acesso direto desse sintagma ao referente. Segundo Kleiber, Schnedecker e Ujma (1994, p.10) é fator da anáfora associativa a existência de diferença entre o referente que a opera e aquele que, do ponto de vista referencial, serve de fonte para a associação, isto é, aquele que constituiu menção prévia.

A expressão “anáfora associativa”, segundo Apothéloz (1995, p.40), designa o processo operado por sintagmas nominais que apresentam, como características, de um lado, a dependência interpretativa relativa a um referente previamente introduzido ou designado, e, de outro lado, a não-correferência com a prévia designação desse referente. Desse modo, na anáfora associativa, o referente é apresentado como já conhecido ou como identificável, sem ter sido já designado e sem que seja indicada sua relação com outros referentes ou com outra informação já apresentada. Traços comumente aceitos da anáfora associativa são: a expressão de um novo referente anafórico, a relação de parte com todo nessa anáfora, e a conexão estereotípica (KLEIBER, 1994).

Dessa questão trata a GF (DIK, 1989, 1997), referindo-se ao fato de que, às vezes, dado um certo tópico, podemos falar de um outro tópico relacionado com ele como se já tivesse sido introduzido antes ( *festa e música*), caso em que o segundo ( *música*) pode ser chamado de subtópico. O que garante isso é o conhecimento comum de que existe música nas festas. Quer dizer que, depois que um tópico novo x foi introduzido no discurso, pode-se continuar a falar não apenas de x, mas também de todos os subtópicos que se julga que estão disponíveis para o ouvinte, com base na informação pragmática acessível, uma vez que x está disponível para ele.

Em todos os casos, o esquema, o *script* ou o *frame* que estão nas mentes (CHAFE, 1994, p.122), garantem as inferências que levam ao estabelecimento

da relação associativa necessária à interpretação dos referentes. Isso ocorre porque a anáfora deixa transparente o estatuto da relação que une as duas referências envolvidas, e, além disso, essa relação não tem a sua validade condicionada pelo contexto, isto é, tem genericidade.

O funcionalista Dik (1997, p.315) propõe parâmetros para essa investigação lançando a pergunta: "Que espécies de subtópicos podem ser associados a um determinado tópico dado?". E responde que essa associação ocorre quando há uma relação de inferência (DIK, 1997, p.324), isto é, quando o ouvinte é capaz de reconstruir alguma ligação, tomando o cuidado de indicar que, obviamente, algumas ligações são mais fáceis e previsíveis que outras.

## **Conclusão**

Início as conclusões com considerações que fiz em Neves (2001, p.996), no propósito de defender que a anáfora referencial é mais do que uma retomada referencial. Apontei que o texto é criação discursiva, e o percurso referencial nele inserido se submete ao universo de entidades que se organizam discursivamente: em princípio, referentes são introduzidos, ou criados, no discurso, e nele são mantidos enquanto se mantiverem na condição de participantes dos eventos, ou na condição de suportes dos estados que constituem aquele universo discursivo. É aí que entra o percurso das unidades informativas a entrecruzar-se com o percurso fórico das entidades referenciais: uma unidade tópica pode erigir-se em ponto de apoio de retomadas referenciais textuais, sem que se tenha formalmente definido como sintagma explicitamente colocado no texto em posição de sustentar essas retomadas. O que ocorre é que, como aí aponto, referentes que se constituem no texto – seja por menção explícita seja por construção inferencial a partir de situações descritas – passam a fazer parte do conjunto temático (FANT, 1984) do texto, e como tal, entram no jogo em que se entrecruzam a referenciação textual propriamente dita – aí incluída a correferenciação – e a referenciação tópica, aquela que cria e relaciona as entidades que entram na organização informativa realizada pelas proposições do texto e nascida da organização das predicacões, estabelecida entre predicados e argumentos, com seus respectivos papéis.

Uma gramática que incorpora aos elementos formulativos – enunciados lingüísticos – as unidades temáticas, ou seja, uma gramática que inclui as unidades do fluxo de informação é, na sua base, funcionalista. Não é à toa que o desenvolvimento pioneiro do estudo da coesão textual (HALLIDAY; HASAN, 1976) – que não deixa de prover ingredientes sociolingüísticos como o registro,

por exemplo – é de um funcionalista, Halliday, o criador da gramática sistêmico-funcional<sup>21</sup>. Afirmar Halliday (1985, p.XIII) que sua gramática é funcional no sentido de que busca dar conta de como a linguagem é usada. Diz ele: "Todo texto – isto é, tudo que é dito ou escrito – aparece em algum contexto de uso; além disso, são os usos da língua que por dezenas de milhares de gerações, deram forma ao sistema. A linguagem desenvolveu-se para satisfazer a necessidades humanas; e o modo como ela é organizada é funcional com respeito a essas necessidades – não é arbitrário. Uma gramática funcional é essencialmente uma gramática "natural" no sentido de que tudo nela pode ser explicado, afinal, por referência a como a linguagem é usada." E acrescenta: "A partir daí, os componentes fundamentais de significado na linguagem são componentes funcionais. Todas as linguagens são organizadas em torno de dois principais tipos de significado, o ideal, ou reflexivo, e o interpessoal, ou ativo."

Afinal, registre-se que preocupação expressamente declarada de Halliday (1985, p.XVI) é com a análise do discurso, ou lingüística do texto. Ele se reporta aos lingüistas das principais escolas funcionais européias – a Escola de Praga, os funcionalistas franceses, a escola de Londres, a escola de Copenhague para dizer que "[...] todas, de modos diferentes mas relacionados, consideraram o texto como o objeto da lingüística ao lado do sistema" (HALLIDAY, 1985, p.XXII). Para ele, a análise do discurso tem de fundamentar-se num estudo do sistema da língua, e, ao mesmo tempo, a principal razão para estudar o sistema é lançar luz sobre o discurso – naquilo que as pessoas dizem e escrevem, ouvem e lêem.

Ressalva ele que a tendência natural é pensar o texto como um produto. De fato, reconhece, é geralmente a uma peça escrita que se dá o nome de "texto", e, mesmo que se admita a categoria "texto falado", normalmente o vemos como um objeto, e, para sermos capazes de observá-lo, nós o gravamos e o transcrevemos na forma escrita. Hjelmslev, entretanto, aponta Halliday (1985, p.XXII), pensou o texto como processo, referindo-se à linguagem como sistema e processo, e não é difícil seguir Hjelmslev nessa concepção; o problema para a análise do texto é que é muito mais difícil representar um processo do que um produto.

Concluindo, posso resumir a minha postulação de que as noções teóricas básicas de uma Lingüística do Texto estão contidas nas propostas teóricas do Funcionalismo Lingüístico com a invocação do fato de que a Lingüística Textual (mais rigorosamente, "Textual-interativa")<sup>22</sup> implica o modelo de interação verbal

---

<sup>21</sup> Diz Halliday (1985) que uma teoria sistêmica é uma teoria de significado como escolha, pela qual a língua, ou qualquer outro sistema semiótico, é interpretada como redes de opções. Confronte-se esta indicação com a referência a Barros (1999) do final da Introdução.

<sup>22</sup> Ver nota 2.

que rege toda a proposta da Gramática Funcional da Holanda (DIK, 1989, 1997). Absolutamente encaixada no mais profundo desse esquema geral está a lição de nossa mestra maior nesse campo de estudos no Brasil:

O contexto, da forma como é hoje entendido no interior da Linguística Textual, abrange, portanto, não só o co-texto, como a situação de interação imediata, a situação mediata (entorno sociopolítico-cultural) e também o contexto sociocognitivo dos interlocutores, que, na verdade, subsume os demais. (KOCH, 2002, p.24).

NEVES, M. H. de M. Functionalism and text linguistics. **Revista do GEL**, São Paulo, v.1, n.1, p.71-89, 2003.

▣ **ABSTRACT:** *The paper claims that the basic notions of Text Linguistics (TL) are subsumed within Functional Grammar's theoretical framework. It argues that, if TL aims at 'text competence', its analytical tools must capture language use as a means of producing function-performing senses – i.e. a theory that provides the interpretation of (interactionally-motivated) texts themselves, which are, after all, the actual unities of linguistic performance.*

▣ **KEYWORDS:** *Text linguistics; functionalism; text competence.*

## Referências

APOTHÉLOZ, D. **Rôle et fonctionnement de l'anaphore dans la dynamique textuelle**. Genève: Librairie Droz S.A., 1995.

APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M.. Construction de la référence et stratégies de désignation. **TRANEL (Travaux Neuchâtelois de Linguistique)**, Neuchâtel, v.23, p.227-271, 1995.

\_\_\_\_\_. Interpretations and functions of demonstrative NPs in indirect anaphora. **Journal of Pragmatics**, Amsterdam, v.31, p.363-397, 1999.

BARROS, D. L. P. Estudos do texto e do discurso no Brasil. **DELTA**, São Paulo, v.15, p.183-199, 1999. Número especial.

BEAUGRANDE, R. Function and Form in Language Theory and Research. The Tide is Turning. **Functions of Language**, Amsterdam, v.1/2, p.163-200, 1994.

\_\_\_\_\_. **New Foundations for a Science of Text and Discourse**. Norwood: Ablex, 1996a.

\_\_\_\_\_. The "Pragmatics" of doing Language Science. The "Warrant" for large-corpus linguistics. **Journal of Pragmatics**, Amsterdam, v.25, p.503-535, 1996b.

\_\_\_\_\_. Textlinguistik: Zu neuen Ufern? In: ANTOS, G.; TIETZ, H. (Hrsg.). **Die Zukunft der Textlinguistik: Traditionen, Transformationen, Trends**. Tübingen: Niemeyer, 1997. p.1-12. Tradução portuguesa de Hans Peter Wieser. Mimeografado, p.1-10.

BLOOMFIELD, L. **Language**. Nova Iorque: Holt, 1933.

CASTILHO, A. T. de (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Ed. da UNICAMP, FAPESP, 1993. v.3

CASTILHO, A. T. de; BASÍLIO, M. (Orgs.). **Gramática do português falado**. Campinas: Ed. da UNICAMP, FAPESP, 1996. v.4

CHAFE, W. **Discourse, consciousness and time**. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1994.

\_\_\_\_\_. Inferring Identifiability and Accessibility. In: FRETHEIM, T.; GUNDEL, J. K. **Reference and referent accessibility**. Amsterdam: John Benjamins, 1996. p.37-46.

CHAROLLES, M. Anaphore associative, stéréotype et discours. In: SCNEDECKER, C. et. al. **L'anaphore associative**. Paris: Klincksieck, 1994. p.67-92.

\_\_\_\_\_. Associative Anaphora and its Interpretation. **Journal of Pragmatics**, Amsterdam, v.31, p.311-326, 1999.

CHAROLLES, M.; SCHNEDECKER, C. Coréférence et identité. Le problème des référentes évolutifs. **Langages**, Paris, v.112, p.106-126, 1993.

CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. The Hague: Mouton, 1957.

CONTE, M-E. (Ed.). **La linguistica testuale**. Milano: Feltrinelli, 1977.

DASCAL, M.; MARGALIT, A. A New "Revolution". **Linguistics? "Text-Grammar" vs. "Sentence-Grammars"**. **Theoretical Linguistics**, New York, v.1, n.1/2, p.195-213, 1974.

DIK, C. S. **The theory of functional grammar**. Dordrecht-Holland, Cinnaminson-U.S.A.: Foris Publications, 1989.

\_\_\_\_\_. **The theory of functional grammar**. Ed. by K. HENGEVELD. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1997.

DU BOIS, J. W. Competing Motivations. In: HAIMAN, J. (Ed.). **Iconicity in syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p.343-365.

FANT, L. **Estructura informativa en español**: estudio sintáctico y entonativo. Uppsala: Uppsala Univ., 1984.

FRETHEIM, T.; GUNDEL, J. K. **Reference and referent accessibility**. Amsterdam: John Benjamins, 1996.

GIVÓN, T. **Syntax I**. New York: Academic Press, 1984.

HAIMAN, J. (Ed.). **Iconicity in syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, H. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

HEINEMANN, W.; VIEHWEGER, D. **Textlinguistik. Eine Einführung**. Tübingen: Niemeyer, 1991.

HOPPER, P. J. Emergent Grammar. **Berkeley Linguistic Society**, Berkeley, v.13, p.139-157, 1987.

HYMES, D. **Foundations in sociolinguistics**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1974.

IHWE, J. (Hrsg.). **Literaturwissenschaft und linguistik**. Frankfurt: Athenäum Fischer, 1971. Bd 1.

ILARI, R. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Ed. da UNICAMP, FAPESP, 1992. v.2

JUBRAN, C. A. S. Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica. In: CASTILHO, A. T. de (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Ed. da UNICAMP, FAPESP, 1993. v.3. p.61-74.

\_\_\_\_\_. Parênteses: propriedades identificadoras. In: CASTILHO, A. T. de; BASÍLIO, M. (Orgs.). **Gramática do português falado**. Campinas: Ed. da UNICAMP, FAPESP, 1996a. v.4. p.411-421.

\_\_\_\_\_. Para uma descrição textual-interativa das funções da parentetização. In: KATO, M. A. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Ed. da UNICAMP, FAPESP, 1996b. v.5. p.339-354.

\_\_\_\_\_. Funções textuais-interativas dos parênteses. In: NEVES, M. H. M. (Org.). **Gramática do português falado**. São Paulo, Campinas: Humanitas-FFLCH/USP, Ed. da UNICAMP, FAPESP, 1999. v.7. p.131-158.

JUBRAN, C. A. S. et al. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Ed. da UNICAMP, FAPESP, 1992. v.2. p. 357-447.

KATO, M. A. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Ed. da UNICAMP, FAPESP, 1996. v.5

KLEIBER, G. Discours et stéréotypie: le contexte peut-il remettre d'aplomb une anaphore associative mal formée? In: SCHNEDECKER, C. et al. (Eds.). **L'anaphore associative: aspects linguistiques, psycholinguistiques et automatiques**. Paris: Klincksieck, 1994. p.93-116.

\_\_\_\_\_. Associative Anaphora and Part-whole relationship: The Condition of Alienation and the Principle of Ontological Congruence. **Journal of Pragmatics**, Amsterdam, v.31, n.3, p.339-362, 1999.

KLEIBER, G.; SCHNEDECKER, C.; UJMA, L. L'anaphore associative, d'une conception à l'autre. In: SCHNEDECKER, C. et al. (Eds.). **L'anaphore associative: aspects linguistiques, psycholinguistiques et automatiques**. Paris: Klincksieck, 1994. p.5-66.

KOCH, I. G. V. **Coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1989.

\_\_\_\_\_. Segmentação: uma estratégia de construção do texto falado. In: NEVES, M. H. M. (Org.). **Gramática do português falado**. São Paulo, Campinas: Humanitas-FFLCH/USP, Ed. da UNICAMP, FAPESP, 1999. v.7. p.29-52.

\_\_\_\_\_. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Ed. da UNICAMP, FAPESP, 1996. v.6

KOCH, I. G. V.; FAVERO, L. L. **Linguística textual: introdução**. São Paulo: Cortez, 1983.

MARCUSCHI, L. A. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Ed. da UNICAMP, FAPESP, 1996. v.6. p.95-129.

\_\_\_\_\_. A hesitação. In: NEVES, M. H. M. (Org.). **Gramática do português falado**. São Paulo, Campinas: Humanitas-FFLCH/USP, Ed. da UNICAMP, FAPESP, 1999. v.7. p.159-195.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construction des objets de discours et catégorization: une approche des processus de référenciation. **TRANEL (Travaux Neuchâtelois de Linguistique)**, Neuchatel, v.23, p.273-302, 1995.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. A referenciação e a constituição do texto: reflexões no uso da língua portuguesa. **Revue Belge de Philologie et d'Histoire**, Bruxelles, v.79, n.3, p.993-1016, 2001.

\_\_\_\_\_. **A gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

- NEVES, M. H. M. (Org.). **Gramática do português falado**. São Paulo, Campinas: Humanitas-FFLCH/USP, Ed. da UNICAMP, FAPESP, 1999. v.7
- PARRET, H.; VIEHWEGER, J. (Eds.). **On searle on conversation**. Amsterdam: Benjamins, 1992.
- PETÖFI, J. S. Probleme der ko-textuellen Analyse von Texten. In: IHWE, J. (Hrsg.). **Literaturwissenschaft und Linguistik**. Frankfurt: Athenäum Fischer, 1971. Bd 1. p.173-213.
- \_\_\_\_\_. The Syntactico-Semantic Organization of Text-Structures. **Poetics**, v.3, p.56-99, 1972.
- \_\_\_\_\_. Towards an Empirically Motivated Theory of Verbal Text. In: PETÖFI, J. S.; RIESER, H. (Eds.). **Studies in text grammar**. The Hague: Mouton, 1973.
- \_\_\_\_\_. Semantica, pragmática, teoria del texto. In: CONTE, M-E. (a cura di). **La linguistica testuale**. Milano: Feltrinelli, 1974.
- \_\_\_\_\_. Beyond the Sentence, between Linguistics and Logic. **Style and Text**. Stockholm: Skriptor, 1975.
- PETÖFI, J. S. (Ed.) **Text vs. Sentence. Basic Questions of Text Linguistics**. Hamburg: Buske, 1979.
- PETÖFI, J. S.; RIESER, H. (Eds.) **Studies in text grammar**. The Hague: Mouton, 1973.
- RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Ed. da UNICAMP, FAPESP, 1996. v.6. p.21-94.
- SCHEGLOFF, E. To Searle on Conversation. A Note in Return. In: PARRET, H.; VIEHWEGER, J. (Eds.). **On searle on conversation**. Amsterdam: Benjamins, 1992. p.113-128.
- SCHNEDECKER, C. et al. (Eds.). **L'anaphore associative: aspects linguistiques, psycholinguistiques et automatiques**. Paris: Klincksieck, 1994.
- SCHNEDECKER, C. et al. **L'anaphore associative**. Paris: Klincksieck, 1994.
- TAYLOR, J. R. **Linguistic categorization**. Prototypes in Linguistic Theory. New York: Oxford University Press, 1989.
- TRAVAGLIA, L. C. O relevo no português falado: tipos e estratégias, processos e recursos. In: NEVES, M. H. M. (Org.). **Gramática do português falado**. São Paulo, Campinas: Humanitas-FFLCH/USP, Ed. da UNICAMP, FAPESP, 1999. v.7, p.77-130.
- VAN DIJK, T. A. **Some aspects of text grammars: a study in theoretical linguistics and poetics**. The Hague: Mouton, 1972.



VAN DIJK, T. A. Text Grammar and Text Logic. In: PETÖFI, J. S.; RIESER, H. (Eds.). **Studies in text grammar**. The Hague: Mouton, 1973. p.17-79.

VILELA, M.; KOCH, I. G. V. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 2001.